



**A LITERATURA COMO HORIZONTE DE HUMANIZAÇÃO EM FLOR E ROSA:
UMA HISTÓRIA DE AMOR ENTRE IGUAIS¹**

**LITERATURE AS A HORIZON OF HUMANIZATION IN FLOR AND ROSA: A
LOVE STORY AMONG EQUALS**

José Geovânio Buenos Aires Martins²

Márcio Antônio Gatti³

Recebido em: 23 mar. 2022

Aceito em: 31 mar. 2022

DOI: 10.26512/aguaviva.v7i1

RESUMO: O presente artigo teve o objetivo de analisar a humanização em “*Flor e Rosa: uma história de amor entre iguais*”, de Benilda Regina Paiva de Brito (2011). A metodologia de análise empregada foi a revisão bibliográfica. O desenvolvimento do aporte teórico contemplou reflexões de Guacira Lopes Louro, Judith Butler, Lúcia Facco, Simone de Beauvoir, e para a interpretação da obra a técnica de Fabio Akcelrud Durão. A escolha por analisar este livro vai ao encontro temporal da narrativa e a escassez na literatura do tema por ele abordado, pois as relações homoafetivas envolvendo mulheres lésbicas e LGBT só ganharam visibilidade na literatura infantojuvenil brasileira no final dos anos 1990. Desse modo, concluímos que o corpus analisado oferece novas possibilidades de entendimento para o campo das sexualidades homoafetivas, especialmente quando debate os novos arranjos afetuosos, visibilizados através do amor lésbico.

Palavras-chave: Narrativa Brasileira; Gênero; Reconhecimento Lésbico.

ABSTRACT: This article aimed to analyze the humanization in “*Flor and Rosa: a love story between equals*”, by Benilda Regina Paiva of Brito (2011). The analysis methodology used was the literature review. The development of the theoretical contribution included reflections by Guacira Lopes Louro, Judith Butler, Lúcia Facco, Simone of Beauvoir, and for the interpretation of the work the technique of Fabio Akcelrud Durão. The choice to analyze this book is in line with the temporal encounter of the narrative and the scarcity in the literature of the theme addressed by it, as the homosexual relationships involving lesbian and LGBT women only gained visibility in Brazilian children's literature in the late 1990s. In this way, we conclude that the analyzed corpus offers new possibilities of understanding for the field of

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana, Universidade Federal de São Carlos (PPGECH/UFSCar). É membro do Grupo de Pesquisa NEGDS/UFSCar – Núcleo de Estudos de Gênero, Diferenças e Sexualidades. E-mail: josegbam@estudante.ufscar.br.

³ Doutor em Linguística. É professor no Departamento de Ciências Humanas e Educação (DCHE) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – *Campus* Sorocaba. E-mail: maggatti@ufscar.br.



homoaffective sexualities, especially when it discusses the new affectionate arrangements, made visible through lesbian love.

Keywords: Brazilian Narrative; Gender; Lesbian Recognition.

Esse texto surge como gorjeio de dor pelas asas cortadas, como um rasgo na pele, como um grito preso na garganta, como uma represa que estoura porque não suporta mais o silêncio, a apatia, a quietude, a insatisfação e a calúnia! Assim como Ícaro se lançara aos perigos do proibido, esse é um texto que nasce inspirado pelo proibido, pelo improvável, pela literatura!

(Cassandra Rios, 1977).

INTRODUÇÃO

O artigo que ora apresentamos é resultado da análise da obra literária “*Flor e Rosa: uma história de amor entre iguais*” (2011), de Benilda Regina Paiva de Brito, uma escritora nascida em Belo Horizonte, Minas Gerais. A autora é pedagoga, especialista em psicopedagogia, políticas públicas e direitos humanos, além de militante do movimento negro e feminista, desde a década de 1980. Em Belo Horizonte, coordena o Nzinga – Coletivo de Mulheres Negras, mantendo sua dedicação na luta contra o racismo, a homofobia e todas as formas de preconceito e discriminação. Já as ilustrações da obra são de Clô Paoliello, egressa da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)⁴.

A obra analisada, um livro com vinte e quatro páginas e um projeto gráfico de cores vibrantes, publicado em 2011 pela Maza Edições, quebra paradigmas, porque, no geral, existe uma ocultação das homoafetividades literárias para a infância e adolescência, e várias narrativas voltadas para essa etapa da vida têm reproduzido corpos disciplinados. Em outras palavras, lésbicas, *gays*, travestis, transexuais e outras identidades desviantes, ainda que de maneira velada são atravessados pelo discurso da cisheteronormatividade. Para Martins *et al.*, (2019), por exemplo, isso se deve em razão da sexualidade normativa e binária ser uma invenção ou produto social que ganha maior destaque por intermédio das religiões cristãs no Brasil. Assim, essas narrativas conservam um discurso muitas vezes centrado no cisheteropatriarcado⁵.

⁴ As informações aqui disponibilizadas podem ser conferidas na orelha do livro analisado.

⁵ Dispositivo normativo que pode ser compreendido a partir dos estudos de gênero como uma cultura dominante a favor da discriminação de lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis, transexuais, mulheres brancas, negras, indígenas, dentre outros grupos minoritários, coadunando-se com o processo histórico de invasão e exploração do Brasil, posto que são tensões preconceituosas ou moralizantes presentes na cultura ocidental. Há que se considerar portanto, que o cisheteropatriarcado acompanha o desenvolvimento humano irreflexivo, porque está implícito na cultura ultraconservadora (JULIÃO; DUTRA, 2020).



De tal modo, a literatura, como afirma, Candido (2004), tem como proposta a humanização, respectivamente, porque potencializa a reflexão de temas divergentes por meio da leitura.

Contudo, é importante ressaltar que gênero, sexo e sexualidade têm sido amplamente questionados por setores conservadores da sociedade (FACCO, 2009; SILVEIRA; KAERCHER, 2013). Nas palavras de Julião e Dutra (2020), questões antes cruzadas pelo cisheteropatriarcado, como afirma Facco (2009) mesmo que de forma tímida, ainda voltam a realçar o discurso artístico ou literário na contemporaneidade.

Sendo assim, o objetivo do artigo é analisar a humanização em “*Flor e Rosa: uma história de amor entre iguais*”. Trata-se de uma narrativa contemporânea e que aborda a relação afetiva lésbica. A relevância da análise da obra está relacionada, portanto, com a escassez do tema por ela abordada, já que as relações homoafetivas envolvendo mulheres lésbicas e LGBT só ganharam visibilidade na literatura infantojuvenil brasileira no final dos anos 1990 (FACCO, 2009).

Dissertar sobre o tema da humanização na literatura, não é algo simples, pois primeiramente, devemos definir humanização. No olhar retrospectivo do crítico literário, ensaísta e professor brasileiro Antonio Candido (1989), a palavra “humanização” aparece com certa frequência na sociedade, sendo que na literatura, a “humanização” permite o caráter reflexivo, o desenvolvimento humano. Para Ribeiro e Silva (2019, p. 2), “tal manifestação estética permite ao leitor experimentar uma realidade, às vezes, bastante diferente da sua, o que revela seu traço característico de ampliar os horizontes de expectativas”.

No caso da obra literária, “*Flor e Rosa: uma história de amor entre iguais*”, de Benilda Regina Paiva de Brito (2011), a narrativa traz para o debate entre outras questões reprimidas socialmente, a lesbofobia, assim como os desafios enfrentados por Rosa, personagem lésbica, o que estabelece uma relação com a realidade contemporânea brasileira. Por fim, a literatura não tem o caráter de aplicabilidade da ordem jurídica e da replicação de dados estatísticos, manifestando apenas determinado ângulo ou problema social.

Direcionando-se ao estudo da obra mencionada anteriormente, a realidade representada é bem diferente do cenário vivido por lésbicas brasileiras, pois só no ano de 2011 houve 3.084 reclamações nos órgãos especializados ao atendimento para vítimas LGBT. Desse total, 37,6% das denúncias foram registradas por mulheres lésbicas (PARENTE; MOREIRA; ALBUQUERQUE, 2018). Sendo assim, Ebersol e Bussoletti (2020) invocam-nos ao entendimento da violência ou invisibilidade lésbica, pois para as estudiosas do assunto,



ainda existe uma normalização global sobre o dever de reprodução heterossexual como sina severa, excluindo qualquer ato considerado impudico.

Neste contexto, Michels e Mott (2018) dissertam sobre o baixo índice de queixas lavradas nos órgãos especializados, por isso, o recenseamento acima é uma referência inconclusiva, porque a maioria dos LGBT não registram boletim de ocorrência, pois o Estado, representado pela Secretaria de Segurança Pública é ineficiente na assistência policial e investigativa às vítimas de lesbofobia (BRASIL, 2016).

Em “*Flor e Rosa: uma história de amor entre iguais*”, a narrativa apresenta o tema sem fissuras. Ao ler os trechos da obra de Brito (2011), o leitor depara-se com um ideal lésbico humanizado, embora incomum para várias famílias conservadoras em uma esfera global, pois pela idade das duas personagens, a depreciação, provavelmente decorreria.

Nas palavras de Souza (2006), a humanidade costuma acreditar que a heterossexualidade seja a única orientação sexual biologicamente normal, o que remete a uma espécie de superstição. Trata-se de uma informação muito relevante para a análise do corpus em questão, pois a narrativa desafia um relacionamento lésbico atravessado pela aceitabilidade familiar integral ou parcial.

Seguindo a mesma direção, Louro (2018), afirma que existe diferentes teorizações sobre o comportamento humano no campo feminino e masculino. Um exemplo disso seria o escárnio social das mulheres lésbicas, principalmente por segmentos conservadores e de extrema direita no Brasil. Nesse sentido, Brito (2011) harmoniza seu livro a partir de uma projeção de lesbianidade sem estranhamentos paradoxais, desde a puerícia humana.

Seguindo Louro (2018), resumidamente, pode-se dizer que o trabalho de Brito (2011) é essencial, porque apresenta um estado físico, embora incomum, acerca do desejo, do prazer e orientação sexual *sui generis* entre duas mulheres, com placidez e normalidade.

A obra literária coopera com a visibilidade lésbica, porque há uma forte tendência de silenciamento homogêneo dos livros de temática LGBT (FACCO, 2009; SOUSA, 2016). Dito de outra forma, a narrativa analisada tenta contestar as anormalidades impostas pelo conservadorismo estrutural e reafirmadas por uma grande parcela lesbofóbica. Portanto, a homossexualidade feminina, abordada em contraposição à perspectiva cisheteropatriarcal, presente em vários momentos da narrativa, foi retratada com positividade.

No cenário atual, a narratividade analisada passa uma mensagem de apoio à causa, ao movimento de reconhecimento feminista lésbico, pois suas personagens não precisam viver um amor escondido.



Percurso metodológico da pesquisa

Diante do tema e do objetivo da pesquisa, que se traduz em analisar o papel humanizador de “*Flor e Rosa: uma história de amor entre iguais*”, elegemos a pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica ocorre por meio da apreciação de fontes consultadas sobre determinado assunto de interesse do pesquisador (PEREIRA *et al.*, 2018). Para isso, nos apropriamos da ideia de Durão (2020), pois para o autor, a pesquisa em ciências humanas, com concentração literária, visa a reflexão de elementos obscuros, bem como, de fatos já explorados, mas que ainda provocam desconforto para o sujeito pesquisador. E oposta às ciências exatas, esse tipo de investigação não deve se restringir a um conjunto conclusivo de suas análises, porque em narrativas literárias a interpretação ou compreensão dos fenômenos vai depender do objetivo da investigação, ou seja, daquilo que se pretende alcançar com a inspeção do corpus, embora não seja possível enxergar todos os sinais coerentes ou latentes.

Machado e Debus (2018) defendem uma literatura livre, pois qualquer hipótese deve figurar nas narrativas literárias. E embora reconheçamos que a literatura homoafetiva necessite de liberdade, ainda assim, ela não deve reforçar estereótipos lesbofóbicos, pois a literatura tem o poder de (in)visibilizar, por isso, o cuidado, porque a comunidade LGBT é constantemente atacada no Brasil.

Assim, entende-se com base em Durão (2020), principalmente a partir da análise realizada, que o estudo de qualquer corpus literário pode apresentar conclusões diferentes. Sendo assim, a análise aqui apresentada é obviamente parcial e não tem pretensão de esgotar as possibilidades de estudo da obra.

Ainda no delinear do percurso metodológico, faz-se necessário pontuar que a narrativa apresentou uma dificuldade de análise quanto ao gênero literário, pois a obra foi estruturada no formato de poema, embora outros elementos possam qualificá-la como conto. Sendo assim, o gênero literário não será abordado nesta pesquisa, que por sua vez concentra-se na estrutura da narrativa analisada durante o processo de apresentação dos trechos selecionados para a pesquisa.

O papel humanizador de *Flor e Rosa: uma história de amor entre iguais*

Na narrativa, há duas personagens principais, visando demonstrar o papel humanizador de gênero e raça. Embora a presente pesquisa discorra também a questão racial,



há uma preponderância investigativa sobre o estudo de gênero em uma perspectiva lésbica.

O livro infantojuvenil de Brito (2011) se constitui como uma narrativa curta sobre o amor lésbico. As ilustrações de Clô Paoliello operam a favor da escrita, pois retratam elementos típicos do amor romântico, inclusive entre iguais, como corações, pássaros, nuvens, céu, dentre outros (SILVEIRA; KAERCHER, 2013).

Fazendo alusão a Foucault (1987), entendemos que os corpos controlados pela norma, de certa maneira enfrentam as adversidades sem clamar aos seus semelhantes, ainda que tudo isso aumente o sofrimento, pois como expõe Facco (2009) e Martins *et al.*, (2019), geralmente não há apoio emocional, quando se trata de sujeitos LGBT. Por isso, a ideia do panoptismo pode ser aplicada à narrativa de Brito (2011), porque existe uma vigilância descabida em volta da população lésbica.

O termo “panoptismo” se refere ao olhar de alerta constante e remete ao projeto de Jeremy Bentham, o panóptico penitenciário, no qual é possível a observação constante de todos os presos. Ampliando essa ideia sempre existe uma tentativa de disciplinamento dos corpos que rompem com a normatividade e hierarquia das instâncias sociais (FOUCAULT, 1987). Na obra literária a vigilância é exercida com grande veemência, seja pelas falas das personagens, ao incômodo social de um corpo lésbico masculinizado, assinalado pela maneira como Rosa livra-se dos brinquedos, denunciando que existe uma categorização de gênero que cerca os corpos das mulheres lésbicas: “Ao completar 4 anos, sua Vó, muito sábia pela escola da vida e também muito observadora, lhe deu de presente um carrinho vermelho e uma bola azul. Rosa não cabia em si, de tanto contentamento” (BRITO, 2011, p. 11). Observa-se na passagem, uma avó engajada com a orientação sexual desviante de sua neta, pois a mesma situação não foi constatada na presença de outros membros familiares, a exemplo do excerto, “acontece que Rosa tinha seus segredos” (BRITO, 2011, p. 11).

Neste contexto, o não enquadramento na heteronormatividade implica na vigilância, no medo e sofrimento (MARTINS *et al.*, 2019), porque regularmente a família apela para a correção do desvio homoafetivo de acordo com Sousa (2016), levando o público LGBT ao isolamento (SOUZA, 2019).

Aqui encontramos uma discussão pautada pelo respeito aos corpos de mulheres lésbicas, porém a narrativa conserva estereótipos, pressupondo uma segurança inabalável, subvertendo ou normalizando profundamente a homossexualidade feminina na fase da infância e adolescência, considerando o trecho, “Rosa também era assim. Moça feita, determinada. Agora, já crescida, usava os cabelos bem curtos, brincos pequenos, calça jeans,



camisetas e tênis eram suas roupas preferidas” (BRITO, 2011, p. 19). É preciso entender que a literatura é livre, mantendo um descomprometimento com a veracidade, situação que escaparia do compromisso de reprodução indelével, portanto, ao pensarmos sobre sua abrangência, baseado no enquadramento da obra, o processo de violência lesbofóbica, por sua vez, indica um conformismo, viabilizando uma reprodução do ódio.

A arte literária pode ser um lugar de corporificação das nossas bagagens vivenciadas, servindo de contexto para a manifestação de nossas inquietações, uma vez que a literatura pode alcançar várias camadas sociais (SANTANA; MELO, 2020). Portanto, esboçar uma personagem lésbica marcada por traços masculinos e rodeada por lesbofobia, ao invés de sensibilizar, segundo Sousa (2016), é apoiar-se nas marcas hegemônicas, reproduzindo construções literárias talvez falsamente inclusivas.

Ainda assim, a narrativa cria uma realidade humanizante entre suas personagens principais e secundárias, pois atravessa a perspectiva do controle reacionário que ainda envolve a corpulência feminina, especialmente, a lesbianidade, uma vez que, a narrativa rompe com o modelo de relacionamento heteronormativo.

Flor estava apaixonada!

Sem dizer nada, Flor sorriu o sorriso mais encantador que sua mãe já vira e, em seu colo, revelou o acontecido, enquanto a mãe, em festa, trançava seus cabelos e sorria.

Rosa chegou em casa e não teve dúvidas, abriu o armário de seu quarto e retirou todos os carrinhos, peões, réplicas de aviõezinhos e motocicletas dados pela Vó e enfeitou todo seu quarto. Seu coração pulsou em festa!

Deu um longo e silencioso beijo em sua Vó, e esta, emocionada, agradecia as Deusas pela felicidade de sua neta. Sua sabedoria afirmava a razão da felicidade, encontrada pela amada neta.

Nunca mais seus olhos se separaram...

Quase ninguém entendeu, mas todo mundo sentiu que no outro dia, após esse encontro, as flores vestiram suas melhores roupas, os pássaros caprichavam na voz, o céu estava mais azul e um lindo arco íris coroava aquele encontro...

Ali nascia uma história de amor! (BRITO, 2011, p. 22-4).



Quando no excerto anteposto, o narrador enuncia “Rosa chegou em casa e não teve dúvidas [...] Deu um longo e silencioso beijo em sua Vó, e esta, emocionada, agradecia as Deusas pela felicidade de sua neta. Sua sabedoria afirmava a razão da felicidade, encontrada pela amada neta”. Vemos no trecho, Brito (2011) incluir a receptividade da orientação sexual desviante sem estranheza.

Assim, observamos que a literatura tem o poder de humanizar ou petrificar o amor entre iguais (SANTANA; MELO, 2020). Portanto, como explica Cosson (2007), os gêneros literários são capazes de cruzar o poder dominante, humanizando e sensibilizando, além de ser uma alternativa de visibilidade para os grupos minoritários, conforme ressalva Facco (2009).

No cenário literário, Cosson (2007) afirma que existe uma epifania artístico-literária nas criações individuais, ao tempo que o/a escritor/a passa a pintar o planeta, sua cidade, sua casa ou realidade, incorporando suas emoções. Segundo o mesmo autor, há essa possibilidade dinâmica, devido ao caráter autônomo da literatura.

Ao escrever uma obra literária, o responsável pela criação pode abraçar uma realidade *sui generis* ou absorta, atingindo diferentes camadas sociais, de modo que não há necessidade de renúncia da sua existência (COSSON, 2007; SANTANA; MELO, 2020). Como assegura Santana e Melo (2020), admite-se que nem todo registro literário vale-se dessa realidade, por isso, o criticismo foi baseado na quimera cisheteropatriarcal.

A literatura infantojuvenil por intermédio do seu espírito humano acessa várias camadas sociais, por isso, acreditamos nos enredos dissidentes como agentes de visibilidades inclusivas para sujeitos LGBT. Pensando nisso, Santana e Melo (2020) explicam que a literatura nos arrebatava para uma consciência de si, do outro, da outra, desenvolvendo-se a partir da reflexão⁶.

Historicamente, a literatura está associada aos discursos (MAINGUENEAU, 2018), atribuindo significações que valorizam ou enfraquecem a narrativa construída, já que este discurso é dual, pois ganha força à medida que vai sendo introduzido por um interlocutor, considerando que a literatura não precisa empregar qualquer superioridade do discurso para se manter ou revelar como produção artística.

⁶ “Em sentido amplo, tomada de consciência, exame, análise dos fundamentos ou das razões de algo. Ação de introspecção pela qual o pensamento volta-se sobre si mesmo, investiga a si mesmo, examinando a natureza de sua própria atividade e estabelecendo os princípios que a fundamentam. Caracteriza assim a consciência crítica, isto é, a consciência na medida em que examina sua própria constituição, seus próprios pressupostos” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1996, p. 232).



Reagindo ao cisheteropatriarcado: relutâncias lésbicas

O tema da lesbianidade foi revisitado pelo cisheteropatriarcado, porque o nível social, a raça e a sexualidade são construções hegemônicas no Brasil, pois a comunidade LGBT permanece na fronteira do demérito moral (LOURO, 2018; KUMPERA, 2019). Acrescenta-se, ainda, que mesmo retratando o amor entre iguais, a narrativa descreve um discurso hegemônico, quando o narrador se refere, “muitos comentavam sobre seu jeito estranho de vestir e se comportar, diziam que não mostrava jeito de mulher” (BRITO, 2011, p. 19).

Trata-se de um fragmento calcado pelo viés cisheteropatriarcal, pois determinados setores da sociedade têm influência direta com a representação do corpo feminino e masculino, sendo que sua interferência começa na fase infantil, ao apresentar o rosa como uma cor para o gênero feminino, e, assim, o hegemônico vai sendo construído (SOUSA, 2016; SOUZA, 2006).

Ao trazer a lesbianidade para o debate, a narrativa estimula o pensamento reflexivo, por despertar uma gnose sobre a afetividade lésbica na infância e adolescência. Diante disso, a obra rompe com a cisheteronormatividade, entendendo que tenta naturalizar o amor entre duas mulheres.

Para Oliveira (2017), quando falamos de gênero, obviamente o cisheteropatriarcado ocupa um lugar privilegiado em nossa sociedade, inclusive nos clássicos da literatura infantojuvenil, a exemplo de “*Cinderela*”, o epílogo brilhante da narrativa aceita as consonantes barbaridades sofridas pela personagem protagonista.

Ao contrário do clássico “*Cinderela*”, em “*Flor e Rosa: uma história de amor entre iguais*”, o narrador reflete sobre o amor lésbico e a aceitação de uma orientação sexual desviante da norma estabelecida pelo poder hegemônico, na qual discute o papel da lesbianidade de Flor e Rosa.

Utilizando-se das ideias de abjeção propostas por Kumpera (2019) e Silva (2017), os corpos brancos de mulheres lésbicas levam vantagem, pois a negritude ocupa um lugar de nulidade nas sociedades descendentes do regime escravocrata. Dito de outra forma, na América Latina, a hierarquização permitiu o agrupamento humano por classe, gênero e raça (MARTÍNEZ, 2018).

Porém, a narratividade reproduz uma mulher negra lesbiana atravessada pela decolonialidade. Nesse sentido, a narrativa parte da seguinte premissa:



Flor tornara-se uma
linda moça de longas
tranças, vestidos
justos, esvoaçantes
e estampados, a
pele ainda mais
negra e os olhos
muito expressivos.

Era uma excelente
leitora, sabia
conversar sobre
todos os assuntos
e tirava excelentes
notas na escola.

Muitos rapazes se
interessavam por
ela. Esta, porém,
não se interessava
por nenhum (BRITO, 2011, p. 14).

Desta forma, a imagem da mulher negra e homossexual tem uma representação diferente da violência lesbofóbica caracterizada por Kumpera (2019) e Silva (2017). Por conseguinte, a voz narrativa constrói um enredo divergente das estatísticas de distribuição da violência lesbofóbica, essa contradição também remete à raça⁷.

No que diz respeito ao processo de descrição da voz narrativa, o corpo da mulher negra e lésbica transpassa uma personagem livre das opressões familiares e sociais, em alguma medida, para suscitar o debate e confirmar o encanto existente na diversidade de raça, gênero e orientação sexual (OLIVEIRA, 2020), tal como é observado.

Assim que levou as primeiras palmadas no bumbum e soltou aquele choro forte e feliz, todos fizeram uma grande festa... Era uma linda menina de olhos grandes, cabelos encaracolados, pele negra e uma doce expressão que, mesmo com aquele choro todo, provocava um encanto envolvente.

Flor cresceu assim cheia de carinho, afeto e cuidados, como toda criança amada. Adorava brincar de bonecas, fazer comidinhas, brincar de casinha, de escolinha. Adorava roupas cor-de-rosa, e sua roupa preferida foi presente de sua vovó, dado em seu aniversário de quatro anos; era um lindo vestidinho rosa, cheio de babados e flores brancas.

Flor era muito vaidosa. Possuía uma

⁷ Só no relatório parcial de 2021, quando fizemos a pesquisa, o número de pessoas pretas e pardas vítimas da violência por orientação sexual, alcançou a expressiva cifra de 67 casos de assassinatos, totalizando oito mortes de mulheres lésbicas (OBSERVATÓRIO, 2021).



infinidade de brincos, pulseiras e maquiagens
que provocavam risos em toda sua família
quando decidia se ‘arrumar’ para uma festa.

Era uma criança feliz (BRITO, 2011, p. 4).

A narratividade em questão acena para o enaltecimento da lesbianidade, porém torna-se segregativa ao reverenciar uma personagem branca masculinizada, já que não há nenhuma intervenção aos insultos enfrentados por Rosa, descrevendo a masculinização dos corpos lésbicos como sinônimo de desprezo, discriminação e violência, representado pelo sofrimento da personagem, pois “[...] diziam que não mostrava jeito de mulher” (BRITO, 2011, p. 19). A personagem enxerga a lesbofobia desde a infância, como se ela se descobrisse uma fugitiva, tendo em vista sua orientação sexual, de certo modo, transparente, ao contrário, o reforço valorativo da identidade negra feminina, vaidosa e feliz sendo reafirmado constantemente, pode conservar uma visão distorcida de gênero, sexo e sexualidade (CARDOSO; SOARES; LIMA, 2017), pois a vaidade de Flor aparece como dispositivo de normalidade⁸, porque há uma projeção dos corpos de acordo com a cisheteronormatividade.

Como já dito anteriormente, a narrativa apresenta em tom celebrativo a inteligência de Flor, como pode se ler na passagem, “Flor conhecia a história de seu povo negro como ninguém e tinha muito orgulho disso” (BRITO, 2011, p. 16). Portanto, um narrador onisciente vai desenvolvendo uma narrativa combinada com particularidades individuais, ou seja, há especificidades no texto, por vezes normalizadoras, mas também existe uma tentativa de desconstruir o preconceito lesbofóbico, pois reforçar a inteligência é totalmente positivo, porque a capacidade intelectual independe de orientação sexual (SILVEIRA; KAERCHER, 2013).

Cabe frisar, ainda, que a (des)valorização de raça, gênero e feminilidade está constituída na personagem Flor. Nela encontraremos o sufoco de ser mulher, negra e lésbica, porque cabe a ela ser inteligente, não ser preconceituosa “e assumir com orgulho sua identidade negra, pois sabia que era herdeira de reis e rainhas do continente africano” (BRITO, 2011, p. 16).

A noção de raça, gênero, classe, capacidade intelectual e feminilidade sexual desviante, certa maneira, está em desacordo com os dados levantados pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), Parente; Moreira e Albuquerque (2018), pois como exposto pela narratividade, tanto o enredo, como as ilustrações, ampliam o debate sobre as construções identitárias

⁸ “Regra em relação à qual pode-se emitir um juízo de valor, servindo portanto para estabelecer um padrão e prescrever uma determinada ação ou conduta, o que permite distinguir entre o certo e o errado, e, no plano ético, entre o bom e o mau, o justo e o injusto” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1996, p. 196).



modernas (SILVEIRA; KAERCHER, 2013), porque sensibilizam ou estimulam novas discussões sobre os corpos lésbicos, ainda que não reflita as estatísticas da violência lesbofóbica do GGB.

Silveira e Kaercher (2013) ao apreciar a obra de Brito (2011), ressaltam que ela reitera alguns aspectos normativos, levando-a compreensão negativa de gênero e binaridade ao associar à Rosa um comportamento masculino, conforme pode ser observado, na descrição narrativa ulterior.

Diferente de Flor, Rosa cresceu sem gostar de brincar de bonecas, casinha, ou fazer comidinhas. Mas todo mundo insistia em presenteá-la com fogõezinhos, ferrinhos, panelinhas, bonequinhas que choravam, faziam xixi, exigiam cuidados como se fossem bebês.

[...]

A família ficava espantada: ‘como uma menina gosta de brincar só com coisas de meninos?’, diziam todos. Rosa, para não desagradar a ninguém, passou a guardar seus brinquedos prediletos em um armário no seu quarto.

[...]

Rosa também era assim. Moça feita, determinada. Agora, já crescida, usava os cabelos bem curtos, brincos pequenos, calça jeans, camisetas e tênis eram suas roupas preferidas.

Conservava sua beleza ímpar. As covinhas nas bochechas, hoje mais expressivas pelo piercing delicado que enfeita suas narinas, deixam seu rosto mais mágico e encantado.

Rosa é atacante em um time de Futebol feminino, joga muito bem.

Muitos comentavam sobre seu jeito estranho de vestir e se comportar, diziam que não mostrava jeito de mulher. Muitos falavam muitas coisas, Rosa nem ligava. Ela se curtia muito do jeito que era (BRITO, 2011, p. 7-11-9).

Na esteira do pensamento de Silveira e Kaercher (2013), a obra tentou atravessar todas as barreiras cisheteropatriarcais que, como aponta Masiero (2018), principal bandeira de luta do movimento LGBT. É nesse contexto que faz sentido explicar o uso do discurso para



contrapor a felicidade lésbica, reiterando, portanto alguns extratos da passagem acima: “sem gostar de brincar de bonecas”; “A família ficava espantada: ‘como uma menina gosta de brincar só com coisas de meninos?’”.

É importante estar atento ao cisheteropatriarcado presente no livro de Brito (2011). Molinier; Welzer-Lang (2009) destacam que mesmo na contemporaneidade a cisnormatividade masculina continua influenciando em vários aspectos do dia-a-dia dos brasileiros e brasileiras, pois a desconstrução da cisheteronorma está acontecendo vagarosamente na América Latina.

A respeito da repulsa pelas brincadeiras com bonecas, comidinhas, ferrinhos, panelinhas, a narrativa engenha um enredo para pensar/refletir sobre a cisheteronorma como objetificação da orientação sexual, sobretudo porque insinua que a objeção por brinquedos femininos pode caracterizar sinais de lesbianidade infantil (DIAS, 2014).

Em termos práticos, as brincadeiras infantojuvenis estão marcadas pelo incômodo sexista, ou seja, menina só pode brincar com objetos femininos, pois há um apego ao colonialismo branco europeizado no Brasil, reforçando o cisheteropatriarcado, porque não existe qualquer comprovação científica acerca da orientação sexual lésbica por ter tido o contato infante com brinquedos para o gênero oposto (MOREIRA; CALIXTO; RODRIGUES, 2017).

Observamos em Brito (2011), uma proposta literária corajosa, por meio de discussões sobre negritude, reconhecimento da homossexualidade feminina na infância, adolescência e vida adulta, ainda que em seu trabalho encontremos um discurso de viés conservador, pois, apesar disso, sua obra dissemina um novo olhar sobre a dinâmica do relacionamento homoafetivo entre mulheres.

É esse o nó da intriga, pois conforme nos explica Colomer (2017), o pesquisador também precisa apresentar os pontos incômodos do corpus avaliado. Ou seja, o objetivo da sensibilidade crítica não anula o trabalho intrépido de Brito (2011), pois apenas busca superar os efeitos colonizadores sobre os corpos desviantes (KUMPERA, 2019).

Flor e Rosa..., algumas palavras finais

É uma narrativa, cuja preocupação é visibilizar a orientação sexual que se afasta da heterossexualidade. Portanto, o livro atravessou o véu opaco da cisheteronormatividade de forma excepcionalmente respeitosa, porque o amor lésbico é apresentado sem artificialidades.



Um diferencial chama atenção, pois ao invés de mostrar apenas o sentimento de felicidade homoafetivo, o livro usa de recursos, que se colocam como poéticos na narrativa analisada, quando o texto oscila entre prosa e poesia, ressignificando o amor lésbico por meio de um final feliz.

Trata-se de uma produção bibliográfica de resistência, pois ela atravessa o dito “anormal” para mostrar o “normal” lésbico, do qual nos fala Silveira e Kaercher (2013). Portanto, buscando apoio nas ideias de Beauvoir (2009) e Butler (2019), compreendemos a partir da tensa e complexa relação das personagens principais com o meio social, que Brito (2011) cruza uma fronteira temida por muitos, pois há uma repressão ideológica acerca das produções homoafetivas, cuja normalidade é a interdição.

A lógica cisheteronormativa e binária, provocou e provoca um apagamento da visibilidade lésbica, portanto acreditamos que o corpus analisado seja uma saída para a mudança nos discursos de ódios praticados contra mulheres lésbicas. A narrativa também serve de estímulo para o entendimento dos corpos lésbicos, pois apresenta uma personagem masculinizada, abrindo margem para o entendimento das diferenciações das pessoas como sujeitos sexuais.

O livro cumpre seu papel reflexivo, pois ao simbolizar uma mulher negra, feliz, inteligente e livre das amarras sociais, cruzando com outro perfil feminino masculinizado, e colocando, assim, a mulher branca como estranha, por sua vez contribuirá para o entendimento dos gêneros, sexo e sexualidade na contemporaneidade, pois ocupamos o nível mais alto de violência LGBT em nível global. Dessa forma, a literatura pode ser um respiro para os corpos marginalizados pelas classes conservadoras.

Há um processo de humanização ao final da narrativa, porque a união entre duas mulheres lésbicas eclode. A humanização também é reforçada e alcançada ao longo da narrativa por trazer para o debate as problematizações da orientação sexual a partir da infância.

Sob a égide do pensamento de Oliveira (2020) e Silveira; Kaercher (2013), além de outros colocutores dedicados ao assunto, vale demarcar que a narrativa está imbuída com os desentranhas da orientação sexual lésbica a partir da ingenuidade infantil. Sendo assim, a obra consegue visibilizar novas possibilidades de entendimento para o campo das sexualidades homoafetivas, especialmente quando traz para o debate os novos arranjos afetuosos, visibilizados aqui através do amor lésbico.

O artigo está relacionado com as leituras que estão sendo realizadas no mestrado,



portanto há muito a ser explorado e refletido sobre a obra de Brito (2011), posto que o presente texto é um breve pincelar de uma pesquisa sobre as sexualidades dissidentes na literatura infantojuvenil brasileira, em consonância com uma crítica fundamentada nos estudos de gênero.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Segurança Pública. **Caderno Temático de Referência: atendimento e investigação de crimes com motivação homofóbica**. Relatório Analítico 4. Brasília, DF, 2016.

BRITO, Benilda Regina Paiva de. **Flor e Rosa: uma história de amor entre iguais**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. (Coleção Sujeito e História).

CANDIDO, Antonio (Org.). O direito à literatura. In: _____. (Org.). **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 2004, p.169-192.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.

CARDOSO, Jéssica Matos; SOARES, Alex Sales; LIMA, Carlos Henrique Lucas. A Subversão de Gênero e o Gênero da Subversão. **Cadernos de gênero e diversidade**, v. 3, n. 4, p. 133-144, out/dez. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/22356>>. Acesso em: 1 jan. 2021.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2007.

DIAS, Diego Madi. Brincar de gênero, uma conversa com Berenice Bento. **Cadernos Pagu**, n. 43, p. 475-497, jul/dez. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cpa/n43/0104-8333-cpa-43-0475.pdf>>. Acesso em: 3 jan. 2021.

DURÃO, Fábio Akcelrud. **Metodologia da pesquisa em literatura**. São Paulo: Parábola, 2020.

EBERSOL, Isadora; BUSSOLETTI, Denise Marcos. O conto da Aia: o corpo feminino e a existência lésbica como agente de resistência. **Revista Periódicus**, v. 2, n. 13, p. 132-150, maio/out. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/30535>>. Acesso em: 1 jan. 2021.



FACCO, Lúcia. **Era uma vez um casal diferente**: a temática homossexual na educação literária infanto-juvenil. São Paulo: Summus, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

JULIÃO, Helena Vicentini; DUTRA, Nayara Hakime. Divisão sexual do trabalho: para além do gênero e do patriarcado. **Temporalis**, v. 20, n. 40, p. 201-214, jul/dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/31523/22637>>. Acesso em: 1 dez. 2021.

KUMPERA, Julia Aleksandra Martucci. Lesbianidade e branquitude. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 2, n. 4, p. 136-145, out/dez. 2019. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/10172>>. Acesso em: 1 jan. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MACHADO, Thayse da Costa; DEBUS, Eliane Santana Dias. Para pensar os identificadores da literatura afro-brasileira nos livros infantis: A menina que tinha um céu na boca, de Júlio Emílio Braz. **Revista Intersaberes**, v. 13, n. 30, p. 580-592, set/dez. 2018. Disponível em: <<https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/1444>>. Acesso em: 1 jan. 2021.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. Tradução de Adail Sobral. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

MARTÍNEZ, María Teresa Garzón. Oxímoron. Blanquitud y feminismo descolonial en Abya Yala. **Revista Descentrada**, v. 2, n. 2, p. 1-12, 2018. Disponível em: <<http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/library?a=d&c=arti&d=Jpr8906>>. Acesso em: 1 jan. 2021.

MARTINS, José Geovânio Buenos Aires *et al.* Sexualidades e bullying homofóbico na escola. **Revista Intersaberes**, v. 14, n. 32, p. 445-472, maio/ago. 2019. Disponível em: <<https://www.uninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/1594>>. Acesso em: 1 jan. 2021.

MASIERO, Clara Moura. Mobilização do direito e enfrentamento ao preconceito: os movimentos feminista, negro e LGBTQ e a Constituição de 1988. **Revista de Direito Brasileira**, v. 21, n. 8, p. 84-107, set/dez. 2018. Disponível em: <<https://indexlaw.org/index.php/rdb/article/view/4117>>. Acesso em: 1 jan. 2021.

MICHELIS, Eduardo; MOTT, Luiz. **Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil - 2018**. Grupo Gay da Bahia, 2018. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2019/01/relatorio-2018-1.pdf>>. Acesso em: 1 jan.



2021.

MOLINIER, Pascale; WELZER-LANG, Daniel. Feminilidade, masculinidade, virilidade. In: HIRATA, Helena. (Org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 101-102.

MOREIRA, Wanessa de Góis; CALIXTO, Thyanne Guilherme; RODRIGUES, Hermano de França. Tornar-se pai: da tradição aos modelos homoparentais. In: IV CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2017, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: CONEDU, 2017. p. 1-8.

OBSERVATÓRIO de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil. Florianópolis: Editora Acontece Arte e Política LGBTI+, 2021. Disponível em: < <https://observatoriomortesviolentaslgbtibrasil.org/parcial-setembro-2021>>. Acesso em: 22 dez. 2021.

OLIVEIRA, Amanda Maria Garcia Holgado de. O lugar do corpo feminino em narrativas e canções contemporâneas brasileiras. **Revista Água Viva**, v. 5, n. 3, p. 1-11, set/dez. 2020. Disponível em: < <https://periodicos.unb.br/index.php/aguaviva/article/view/25755>>. Acesso em: 1 jan. 2021.

OLIVEIRA, João Manuel de. **Desobediências de gênero**. Salvador, BA: Editora Devires, 2017.

PARENTE, Jeanderson Soares; MOREIRA, Felice Teles Lira dos Santos; ALBUQUERQUE, Grayce Alencar. Violência física contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do nordeste brasileiro. **Revista de Salud Pública**, v. 20, n. 4, p. 445-452, jan. 2018. Disponível em: < <http://mr.crossref.org/iPage?doi=10.15446%2Frsap.v20n4.62942> >. Acesso em: 1 jan. 2021.

PEREIRA, Adriana Soares *et al.* **Metodologia da pesquisa científica**. Santa Maria, RS: UFSM, NTE, 2018.

RIBEIRO, Rondinele Aparecido; SILVA, Eduardo Dias da. Na era da multiplicidade: fragmentação, intensidade e velocidade no conto *Catástrofe*, de Luiz Vilela. **Revista Água Viva**, v. 4, n. 1, p. 1-14, jan/abr. 2019. Disponível em: < <https://periodicos.unb.br/index.php/aguaviva/article/view/22625/22430>>. Acesso em: 3 set. 2022.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de; MELO, Weslei Chaleghi de. Notas crítico-sociológicas sobre a literatura como horizonte de humanização. **Revista Água Viva**, v. 5, n. 3, p. 1-15, set/dez. 2020. Disponível em: < <https://periodicos.unb.br/index.php/aguaviva/article/view/31020>>. Acesso em: 1 jan. 2021.

SILVA, Priscila Elisabete da. O conceito de branquitude: reflexões para o campo de estudo. In: MÜLLER, Tânia; CARDOSO, Lourenço. (Orgs.). **Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil**. Curitiba: Appris, 2017. p. 22-33.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; KAERCHER, Gládis E. da Silva. Dois Papais, Duas Mamães: novas famílias na literatura infantil. **Educação & Realidade**, v. 38, n. 4, p. 1191-



1206, out/dez. 2013. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/edreal/v38n4/10.pdf>>. Acesso em: 1 jan. 2021.

SOUSA, Benedito Teixeira de. **Entre o pavor e o prazer: infância homoafetiva na literatura brasileira**. Curitiba: Appris, 2016.

SOUZA, Daniela. Performances trans incomodam? Quando a vida em público é passível de violência. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 11, p. 176-191, maio/out. 2019. Disponível em: < <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/29304>>. Acesso em: 1 jan. 2021.

SOUZA, Shirley. **Amor entre meninas**. São Paulo: Panda Books, 2006.